

HITLER, STALIN, MAMÃE E PAPAI

MEMÓRIAS DA
SOBREVIVÊNCIA
MILAGROSA DE
UMA FAMÍLIA

DANIEL
FINKELSTEIN



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024

Sumário

Lista de Fotografias	x
Mapa	xii
Memórias de Família	xiv
Introdução	1

Parte Um: Antes

<i>Mãe</i>	
Alfred e Grete	13
<i>Pai</i>	
Dolu e Lusia	34
<i>Mãe</i>	
Uma Infância em Amsterdã	49
A Verdade em Julgamento	60
Encurraladas	69

Parte Dois: Durante

<i>Pai</i>	
Uma Punhalada nas Costas	81
<i>Mãe</i>	
Superação	95
Alegria e Júbilo	100
A Partida	109
Betty de Nottingham	124

<i>Pai</i>	
No Exílio	135
A Ilha de Fome e Morte	143
<i>Mãe</i>	
A Guerra de Alfred	157
Cidadãos Paraguaios	165
<i>Pai</i>	
Anistia	172
O Que Aconteceu Com Dolu	183
Reencontro e Liberdade	192
<i>Mãe</i>	
Westerbork	202
A Transferência	215
Camille	224
Belsen	229
A Troca	242
<i>Pai</i>	
As Docas de Southampton	255
<i>Mãe</i>	
Três Esqueletos	264
Parte Três: Depois	
<i>Pai</i>	
A <i>Lady</i> de Hendon Central	271
<i>Mãe</i>	
O Homem na Consciência do Presidente	274
<i>Mãe & Pai</i>	
Noite de Sexta-Feira	286
Agradecimentos	295
Notas	299
Índice	331

Lista de Fotografias

Primeira seção de fotografias:

- Dolu e Bernard (Arquivo da família Finkelstein)
- Dolu e Lusía (Arquivo da família Finkelstein)
- Lusía e Ludwik (Arquivo da família Finkelstein)
- Major Ignacy Schrage e Jadzia (Arquivo da família Finkelstein)
- Rua Herburtów, nº 12 (Myroslava Liakhovych)
- Ludwik e Dolu (Arquivo da família Finkelstein)
- General Władysław Anders (Imagens de Farabola/Bridgeman)
- Mandato de Dolu (Arquivo da família Finkelstein)
- Dolu, Lusía e Ludwik (Arquivo da família Finkelstein)
- Ludwik e Lusía em Hendon (Arquivo da família Finkelstein)
- Ludwik na sexta-feira à noite (Arquivo da família Finkelstein)
- Lusía na porta da casa da família (Arquivo da família Finkelstein)
- Mirjam e Ludwik no dia de seu casamento (Arquivo da família Finkelstein)
- Mirjam e Ludwik na praia (Arquivo da família Finkelstein)
- Mirjam e Ludwik em jantar formal da engenharia (Arquivo da família Finkelstein)

Segunda seção de fotografias:

Grete com sua amada irmã Trude (Arquivo da família Finkelstein)

Grete no final dos anos de 1920 (Arquivo da família Finkelstein)

Rua Jan van Eijckstraat (Biblioteca do Holocausto de Wiener)

Antes da guerra: Betty de Amsterdã (Arquivo da família Finkelstein)

Depois da guerra: Betty de Nottingham (Arquivo da família Finkelstein)

As irmãs Wiener (Arquivo da família Finkelstein)

Trude Abraham com o filho Fritz (Arquivo da família Finkelstein)

Uma das estrelas amarelas da família (Arquivo da família Finkelstein)

Mirjam (Arquivo da família Finkelstein)

Anne Frank (Arquivos unidos de GmbH/Alamy)

As irmãs Wiener na América (Arquivo da família Finkelstein)

Aleksander Ładoś (imagem de domínio público)

Capa azul do passaporte paraguaio (Arquivo da família Finkelstein)

Parte interna do passaporte (Arquivo da família Finkelstein)

Camille Aronowski (Arquivo da família Finkelstein)

Desenho de Alfred feito por Eva (Arquivo da família Finkelstein)

Alfred em sua sala (Biblioteca do Holocausto de Wiener)

Alfred mostrando ao Presidente Theodor Heuss seu nome (Biblioteca do Holocausto de Wiener)

Mirjam (Harry Borden)

PARTE UM
ANTES

AMOSTRA

Alfred e Grete

Em um fim de semana de março de 1920, um carro com bandeira diplomática hasteada se dirigia à Chancelaria do Reich em Berlim para uma reunião com o Chanceler da Alemanha. Só que o homem que seguia para a reunião não era diplomata, nenhuma reunião fora marcada e o Chanceler da Alemanha não era na verdade o Chanceler, ele apenas disse que era.

Nas horas turbulentas que antecederam esse estranho incidente, um golpe acontecera em Berlim. Enquanto tropas de soldados, usando botas de cano alto e capacetes com suásticas, assumiam o controle de prédios do governo,¹ os ministros fugiam, seguindo em comboio para Dresden. Em seu lugar, foi instalada uma administração comandada por um homem corpulento de cabeça raspada chamado Wolfgang von Kapp, chefe do Partido da Pátria Alemã e que deu origem às milícias de extrema direita.

Foram várias as causas do golpe, o plano dos conspiradores era confuso, mas meu avô materno, Alfred Wiener, tinha certeza de que a ocupação só poderia resultar em problemas. Os homens que assumiram o controle do governo eram exatamente o tipo de pessoas sobre as quais ele vinha alertando desde que voltara da guerra. Radicais, fascinados por teorias de conspiração sobre a traição da Alemanha e, o pior de tudo do ponto de vista de Alfred, convencidos de que os judeus estavam na raiz dos problemas do país.

Por isso, achou que deveria fazer alguma coisa. Convenceu um amigo — ele era muito persuasivo — a emprestar-lhe um carro diplomático, dirigiu direto pelas fileiras armadas dos rebeldes e parou na Chancelaria do Reich. Então desceu do carro, exigiu ver Kapp, de alguma forma teve êxito, e então protestou contra o antissemitismo.²

Naquelas circunstâncias, Alfred teve sorte de que após alguns dias a rebelião terminou com Kapp fugindo de táxi com seus pertences amarrados em um lençol no teto do carro.³ Se os golpistas tivessem vencido, seria improvável que Alfred sobrevivesse por muito tempo.

O confronto com Kapp era um comportamento clássico de Alfred. Ele era fisicamente corajoso, quase inconsequente; era perspicaz, compreendendo a ameaça que os extremistas representavam para os judeus alemães; era presciente, vendo o que estava para acontecer com os judeus antes que os outros vissem; assumia a responsabilidade pelo destino de amigos judeus; isso representava sua fé quase ilimitada, o otimismo constante, que um argumento racional e a insistência na verdade poderiam mudar as coisas.

Essas características foram responsáveis por levá-lo do triunfo ao desastre em sua vida e carreira, antes de triunfar novamente. Elas deviam ser elogiadas como qualidades de um grande homem e criticadas como convicções e comportamento de um ingênuo. Elas fizeram com que ele crescesse e se tornasse um dos líderes da comunidade judaica alemã e permanecesse nessa posição nas décadas tumultuadas de 1920 e 30, à medida que a ameaça nazista crescia. Ele as levou para o exílio, quando uma reunião com Hermann Göring e seus desdobramentos ameaçadores tornaram óbvio que ele teria que deixar a Alemanha.



No final de 1918, Alfred Wiener retornou para Berlim depois de mais de 3 anos lutando na guerra e percebeu que suas batalhas estavam apenas começando.

Ele se juntara ao exército após sua convocação em abril de 1915 sem qualquer hesitação ou reserva.⁴ Sentiu uma forte sensação de pertencimento e dever patriótico, uma visão que foi reforçada entre os muitos judeus alemães pelo desejo de derrotar a Rússia, o país dos bárbaros pogroms.^{5*} Lutou nas duas frentes, ocidental e oriental, travou guerra com artilharia pesada e veículos blindados, atuou como intérprete na campanha germano-turca e editou o jornal do exército em Jerusalém e Damasco. Quase morreu. Um grave surto de disenteria⁶ por pouco não deu fim a sua campanha e a sua vida, no início de 1917. Por sua valentia, recebeu duas medalhas — a Cruz de Ferro (de segunda classe) e a Estrela de Galípoli. As duas distinções foram importantes, ainda que não espetaculares, mas Alfred estava orgulhoso por seu trabalho.

* O termo pogrom é frequentemente atribuído à perseguição deliberada de um grupo étnico ou religioso, aprovado ou tolerado pelas autoridades locais, sendo um ataque violento massivo, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos). [N. da R.]

Muito era dito sobre ele — que era divertido, estudioso, que ficou calvo bem jovem, que fazia amigos facilmente, que era trabalhador, que era obstinado; após sua morte, os jornais ficaram repletos de tentativas de capturar sua aparência e personalidade, o que o tornava tão cativante. Mas se lhe perguntassem, ele teria desejado que qualquer descrição começasse com o fato de ser alemão.

Meu avô nasceu em 1885 em Potsdam, e uma de suas colegas mais próximas, a grande socióloga Eva Reichmann, comentou após sua morte que:

Quando ele pronunciava a palavra “Potsdam”,⁷ ouvia-se em sua voz o eco distante de um toque vibrante. Ele amava e era imbuído de sua tradição histórica. Até em seus últimos anos, costumava se reunir com antigos colegas de escola uma vez por ano; tão convencido era pelo misterioso “espírito de Potsdam” como o concebia, que, quando lhe perguntei certa vez se ele não tinha medo que pudesse haver nazistas entre seus amigos, ele respondeu sem qualquer hesitação, como se falasse uma máxima indiscutível: “Claro que não, eles são da Escola de Potsdam.”

Manteve por toda a vida esse forte sentimento de pertencer ao seu país e à sua cultura. Essa ideia romântica de sua nação fez do que aconteceu com ele — o exílio, a perda da nacionalidade, a forma como o Holocausto envolveu sua família, a destruição dos valores liberais que ele associava à natureza de seu país — uma tragédia especialmente pungente.

Mas Alfred era, certamente, um tipo especial de alemão. Era um judeu alemão, palavras que ele achava estarem naturalmente ligadas. Aos três anos de idade mudou-se para Bentschen, uma pequena área comercial próxima à fronteira da Polônia, onde seu pai tinha uma loja de armarinhos. Foram nesses anos antes de retornar a Potsdam, aos 12 anos de idade, que seu judaísmo muito singular tomou forma.

Bentschen, lembrou Alfred anos depois,⁸ “tinha uma bela sinagoga, a qual foi lindamente restaurada e de forma solene inaugurada com a ajuda de meu abençoado pai durante os anos em que lá vivi”, mas “a vida judaica era representada pela chamada parte moderna da comunidade, que só visitava o local do culto em dias de festa”.

O judaísmo de Alfred permaneceria sempre uma mistura idiossincrática do moderno e do ortodoxo. Ele era um religioso tradicionalista que não cumpria as leis dietéticas judaicas nem ia com frequência à sinagoga. Seu comprometimento era levado a sério — ele estudou na Academia de Estudos do Judaísmo em Berlim e pretendia se tornar rabino — mas o principal era

aprendizado e pertencimento, e não ser religioso praticante. Em casa, a família sempre fazia o jantar do Shabat na noite de sexta-feira, mas a refeição não era necessariamente kosher. Ele se interessava muito pela educação judaica de suas filhas, garantindo que recebessem aulas especiais, mas ficava em casa quando elas iam aos cultos.

Alfred não era, em muitos aspectos, convencional. A amplitude e intensidade de seus interesses intelectuais eram incomuns. Anos mais tarde, um amigo comentou que “ele era movido por uma verdadeira admiração pelo poder,⁹ quase mágico, das palavras impressas; qualquer coisa impressa era sagrada para ele, e ele jogava os papéis no lixo com parcimônia”. Ele se “preocupava com os livros dos quais sabia quase tudo o que há para se saber”.

Aos vinte e poucos anos, passou um tempo viajando e estudando no Egito,¹⁰ Síria e Palestina, e se apaixonou pelo Oriente Médio, retornando à Alemanha para escrever sua tese de doutorado sobre histórias árabes de como fugir de dificuldades. No casamento de meus pais, as poucas frases do discurso padrão do pai da noiva foram alteradas quando ele viu seu amigo, o estudioso da Bíblia Hebraica Paul Kahle, entre os convidados. O tema mudou para Egptologia e assim ficou até o fim.

Embora tudo isso não fosse muito comum, também não foi um fato isolado. Alfred pertencia a um grupo pequeno, mas reconhecido, de judeus alemães intelectuais — filósofos, advogados, médicos, físicos e psicanalistas — que Hitler tentaria destruir e quase conseguiu. Esse grupo fazia parte da grande classe média judaica que, tendo finalmente obtido a cidadania na primeira metade do século XIX, queria que a promessa de emancipação cívica e social que lhes havia sido feita fosse cumprida.

Os judeus da Alemanha mudaram-se para as grandes cidades,¹¹ estabeleceram-se como criadores e consumidores de cultura e arte, abriram empresas e educaram seus filhos para serem profissionais, tornaram-se membros representativos entre os ricos e cultos da sociedade de Berlim. Tudo isso foi um progresso; e, agora, diante deles, estava a perspectiva da plena igualdade social e cívica que ainda os iludia.

Ao retornar do serviço militar, Alfred viu menos razões para ser otimista. Apesar de toda camaradagem que desfrutou durante a guerra e o carinho que tinha pelos veteranos com os quais compartilhou tanques e trincheiras, percebeu o que a derrota tinha feito a seus companheiros soldados, como estavam amargurados e estimulados a procurar alguém para culpar. Ele viu que o futuro dos judeus alemães não seria a aceitação como iguais, mas intimidação e morte. Sua nova batalha seria contra tudo isso.

“Uma poderosa tempestade antissemita caiu sobre nós,¹² uma que não se formou de acordo com as leis da física, mas por meio de fundos ilimitados nas mãos de organizações habilmente dirigidas, que a estimularam e a promoveram e, com ardor, procuram levá-la adiante.” Eram as palavras de abertura do *Prelude to Pogroms?* [Prelúdio aos Pogroms?], o tratado que ele publicou em 1919 como sua primeira grande contribuição para a luta.

Estudiosos concordam que foi uma publicação com uma visão surpreendente,¹³ prevendo, antes de qualquer um, o desastre que estava por vir. Isso deu a Alfred o direito de ter sido a primeira pessoa na Europa a soar o alarme.

Mesmo 20 anos depois, havia muitas pessoas que não compreendiam a seriedade do antissemitismo na Alemanha e o que ele poderia significar. Ainda assim, apenas alguns meses depois do Armistício da Primeira Guerra Mundial, esse foi o alerta de Alfred:

Pode ser que nossos “respeitados antissemitas” evitem resolver o problema dos judeus com armas e porretes, mas o que isso importa aos “homens de ação” que declaram mais ou menos abertamente em panfletos — e destemidamente em reuniões secretas — que invejam os pogroms poloneses e romenos, e que trabalham sistematicamente para imitá-los em nossa querida pátria? Por isso que descrevemos a demagogia antissemita de nossos dias como provocação para os pogroms.

Ele percebeu os sinais. Alto-falantes nas ruas falando sobre “a vontade de saquear os comércio de judeus, matar e assassinar; panfletos nos quais havia dizeres como “nós, judeus, mais uma vez estamos sendo acusados de rituais de assassinato com intuito de fabricar salsichas de cabra”; advertências sobre ter relações sexuais entre judeus e outros *circuncidados*;¹⁴ campanhas de boicote às lojas de judeus; cartas abertas anunciando que os judeus merecem a morte; promessas públicas de que “nós logo nos libertaremos, completa e impiedosamente, desses sanguessugas, os judeus”.¹⁵ E ainda observou por trás de tudo, o dinheiro financiando a milícia antissemita e agitadores para atacar a comissão de trabalhadores.

É esse, pergunta ele, “o agradecimento da pátria aos milhares e milhares de soldados judeus que derramaram o sangue por todos nós, sem levarem em conta religião ou origem, e que agora estão sob a grama dos cemitérios?” E adiciona como ele mesmo esteve quase perto de estar sob a grama do cemitério.

E termina com um apelo aos alemães decentes, entre os quais acreditava ter vivido por toda sua vida, para compreenderem o que estava acontecendo e agir.

A moralidade de qualquer ser humano decente exige que o bem seja encorajado e o mal, combatido. Qualquer um que não deseje testemunhar o sangue de cidadãos correndo nas ruas, ou que a história relate assassinatos e violência bestiais contra nossos descendentes, deve se preparar para lutar contra o pogrom antissemita. A demagogia antissemita é a precursora da anarquia.

Mas o bem não foi encorajado, o mal não foi superado e a história efetivamente relatou assassinatos e violência bestiais contra os descendentes de Alfred.

Abaixo das palavras *Prelúdio aos pogroms?*, a página do título da publicação de Alfred trazia um subtítulo, *Fatos para Pessoas Ponderadas*. Sempre fora sua abordagem tentar dissipar mentiras e mal-entendidos com a verdade, cuidadosamente escolhendo argumentos contra as calúnias de seus oponentes. No entanto, sua escrita era com frequência apaixonada e profundamente pessoal. Isso refletia seu comprometimento político com ideias liberais, sua convicção na emancipação dos judeus alemães, mas também com algo mais — a preocupação por sua segurança e de sua família.

A luta de Alfred Wiener não foi somente pelo avanço dos direitos civis ou, como ele via, a proteção da civilização contra a barbárie, foi também por algo muito mais simples. Era a luta que o permitisse viver em paz com seus livros, pesquisas e debates acadêmicos com seus amigos. Para viver em paz com sua esposa e seus filhos.

Porque embora tenha encontrado o ódio ao retornar da guerra, também encontrou o amor. E no verão de 1921 meus avós se casaram.

Alfred foi apresentado à sua futura esposa por um de seus amigos do exército, Jam Abraham, que o convidou para ir à sua casa conhecer Gertrud Saulmann, mulher que ele estava cortejando. A irmã mais nova de Trude, Margarete estava lá, e logo ela e Alfred estavam juntos.

Em certos aspectos superficiais, Alfred e Grete pareciam incompatíveis. Ela era quase dez anos mais nova que ele e um pouco mais alta (Grete tinha cerca de 1,80m, enquanto Alfred tinha um pouco mais de 1,70m). Intelectual e culturalmente, no entanto, eram muito compatíveis.

Nascida em Hamburgo em 1895, filha de um industrial, Grete logo mostrou sua capacidade acadêmica, se formando em quatro idiomas antes da guerra interromper seus estudos. Passou os anos entre 1914 e 1917 em sua cidade natal, trabalhando na Cruz Vermelha em uma estação de trem, enquanto tropas partiam para a guerra e feridos voltavam para casa. Posteriormente, começou o trabalho em que se dedicou pelo resto de sua vida, ajudar famílias desamparadas pelo conflito. Como voluntária na Socorro de Guerra de Hamburgo,¹⁶ Grete ajudou na administração de cozinhas que forneciam comida acessível e em um depósito central que redistribuía artigos doados — roupas, sapatos e utensílios domésticos. Isso serviu como experiência, nos dias em que ela própria se tornou refugiada e para ajudar outros na mesma situação.

Em 1917, retomou seus estudos fazendo economia em Bonn, Berlim e Freiburg, e por fim, conquistou um doutorado. Era uma distinção rara para uma mulher no início dos anos de 1920, o que a tornou a parceira ideal para Alfred, compartilhando de sua inclinação educacional e muito possivelmente o superando em capacidade acadêmica. Ela se tornou secretária da associação profissional de mulheres economistas na Alemanha, participou do congresso das Associações de Mulheres Alemãs e escreveu artigos e ensaios analisando a política econômica nazista.

O tema do doutorado de Grete foi sobre a mentalidade de um grupo de alemães extremistas defensores do livre comércio que formou seu próprio partido político no final do século XIX. Ela fez um comparativo entre o libertarismo deles com o trabalho de economistas ingleses clássicos. Grete sustentava que os extremistas distorceram a economia de acordo com seus propósitos ideológicos. E isso também era um ataque à economia nacional socialista. A opinião de Grete, em outras palavras, era pela reflexão rigorosa embasada em evidências e na rejeição ao extremismo — uma abordagem intelectual similar a de Alfred.

Dois outros aspectos ajudaram a fortalecer o companheirismo de Grete e Alfred. O primeiro é que o amigo de exército de Alfred, Jan, se casou com a irmã de Grete, Trude. As duas irmãs nasceram com menos de dez meses de diferença e eram muito ligadas. Os quatro — Jan e Trude, Alfred e Grete — viviam quase como uma unidade, quando um casal se mudava o outro ia para uma casa próxima. O segundo é que os Wieners compartilhavam um forte comprometimento com o judaísmo e com a determinação em manter o orgulho das identidades alemãs e judaicas, sem comprometer nenhuma delas. Grete era menos inclinada à ortodoxia que Alfred, mas era mais praticante religiosamente. Nesse aspecto eles tinham um perfeito equilíbrio.

Seu casamento pode ter sido uma parceria, mas não foi inteiramente de igual para igual. A diferença de idade, bem como a visão tradicional dos papéis dos homens e das mulheres se encarregaram disso. Grete dividia o fardo do trabalho de Alfred e apoiava suas causas e ideais, mas como sua ajudante e secretária. Quando o casal teve filhos, era Grete que cuidava da maior parte da educação, dos trabalhos domésticos e da comida. Minha mãe costumava dizer que o pai dela não sabia nem cozinhar um ovo, e quando eu ria ela reiterava, “não, é sério, ele não sabia”.

Eles logo tiveram o primeiro filho. Um menino chamado Carl, o nome do pai de Alfred. Nasceu em 1922, mas tragicamente faleceu com apenas 5 anos depois de uma ruptura do apêndice. A primeira a sobreviver à infância, Ruth, só nasceu em 1927, e a irmã mais nova, Eva, veio logo em seguida em 1930. Consequentemente, as meninas não se lembram muito da casa e da vida no distrito de Charlottenburg em Berlim, onde Grete e Alfred se estabeleceram, mas que tiveram de deixar em 1933.

Exceto por alguns fragmentos: que moravam em um apartamento e não em uma casa térrea; que viajavam para a praia, inclusive uma vez em que Ruth quase se afogou e Alfred teve que, completamente vestido, salvá-la no mar; que (inevitavelmente) Jan e Trude, e seu filho Fritz, moravam próximo; que a casa dos Wieners era repleta de móveis de estilo continental pesados e ainda mais cheia de livros; e que a pose típica do pai era estar sentado na cadeira do escritório, fumando charuto e cercado por papéis.

Isso quando ele estava em casa. Elas se lembram mais de quanto o pai ficava fora. Eles desfrutavam uma vida familiar comum de classe média, mas Alfred passava a maior parte do tempo mundo afora protegendo essa vida em vez de vivê-la.



Uma enorme reunião em massa para classificar a acusação de rituais de assassinato contra os judeus como calúnia ocorreu ontem à noite em Würzburg.¹⁷ A reunião foi marcada sob a égide da União [Associação] Central dos Cidadãos Alemães de Fé Judaica.

Alfred Wiener, líder da União, o Prefeito Löffler e o reverendo e pastor evangélico Winkelmann falaram sobre a calúnia e os ultrajes perpetrados pela sua divulgação. O Sr. Holz, editor de um semanário antissemita, o *Der Stürmer*, membro do Partido Nacional Socialista, recebeu a palavra para defender os antissemitas.

Centenas de apoiadores de Hitler se amontoaram no corredor aparentemente não em busca de esclarecimento, mas para causar problemas e tumulto, levando a polícia a encerrar a reunião.

Em 1919, Alfred foi trabalhar na maior e mais influente organização de representação dos interesses judaicos na Alemanha, e depois de alguns anos tornou-se um dos líderes, como secretário-geral. Significava uma vida com discussões constantes, reuniões turbulentas e algum perigo pessoal. O encontro em Würzburg — longe da família, discutindo diretamente com o inimigo, tentando dissipar mentiras com a verdade — foi uma noite igual às outras nos anos de 1920.

O empregador de Alfred, a Centralverein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens (conhecida como CV pelos alemães ou Associação Central dos Cidadãos Alemães de Fé Judaica, em português), calculou que, quando Hitler chegasse ao poder, seus seguidores seriam o equivalente a 3/4 dos 600 mil judeus que moravam na Alemanha.¹⁸ Com 60 colaboradores baseados em Berlim e um número similar em escritórios regionais em todo país, a CV era uma das poucas organizações a abranger toda a comunidade judaica do país, uma comunidade religiosa e politicamente diversa. À medida que a década de 1920 avançava, a necessidade de tal amplitude tornava-se cada vez mais evidente.

No início da década, a Alemanha estava muito instável politicamente, conforme as facções de esquerda e de direita tentavam tomar o poder e estabelecer suas disputas com violência.¹⁹ E isso antes mesmo da hiperinflação, com seu impacto devastador na subsistência de todos: pobres, pensionistas, pequenos comerciantes e classe média. (A tese de doutorado de Grete, que estava agendada para ser publicada, foi uma das vítimas.²⁰ As gráficas desviaram recursos para imprimir papel-moeda em vez de livros.) Mesmo quando as circunstâncias começaram a melhorar, a atmosfera continuava pesada.

E o suposto poder dos judeus, objeto de suspeita e preconceito por centenas de anos, serviu como uma explicação conveniente pelo sofrimento da Alemanha moderna.

A CV tentou combater esse preconceito de diversas formas: fez milhares de reuniões, algumas foram eventos em massa, outras com pequenos grupos de intelectuais ou empresários; publicou jornais e livros; buscou influência na imprensa popular; estruturou relações com organizações que pudessem ajudar, como dizia Alfred, “a divulgar ideias de tolerância, liberalismo e igualdade entre os homens”; interpôs processos judiciais contra o antisemitismo e defendeu judeus nos tribunais; fez lobby junto a ministros e